



O trabalho hospitalar da enfermagem: dialética presente na prática de adaptar e improvisar

Hospital nursing: the dialectics of adapting and improvising in practice

El trabajo de enfermería en el hospital: dialéctica presente en la práctica de adaptar e improvisar

Luana dos Santos Cunha^I; Norma Valéria Dantas de Oliveira Souza^{II}; Francisco Gleidson de Azevedo Gonçalves^{III}; Déborah Machado dos Santos^{IV}; Liana Viana Ribeiro^V; Ariane da Silva Pires^{VI}

RESUMO

Objetivo: identificar o ponto de vista dos profissionais de enfermagem sobre a adaptação e improvisação de materiais no trabalho hospitalar e analisar as vantagens e desvantagens desta prática para o trabalho em saúde e enfermagem. **Método:** pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva, realizada com 20 trabalhadores de enfermagem de um hospital público fluminense. A entrevista semiestruturada foi utilizada como técnica de coleta de dados, no mês de julho de 2009. Os dados foram tratados através da análise de conteúdo temática, após aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa número 2355/2009. **Resultados:** evidenciou-se que a prática de adaptar/improvisar é dialética, com sentimentos de sofrimento e prazer. Pois, ao mesmo tempo em que assegura o cuidado, também coloca em risco a segurança dos pacientes e dos trabalhadores. **Conclusão:** as adaptações/improvisações de materiais têm potencial para fazer emergir criações relevantes, com possibilidades de patentes para a profissão.

Palavras-chave: Enfermagem do trabalho; condições de trabalho; recursos materiais em saúde; saúde do trabalhador.

ABSTRACT

Objective: to identify nursing professionals' views on adapting and improvising materials in hospital work, and analyze the advantages and disadvantages of this practice for health work and nursing. **Method:** this qualitative, descriptive study involved 20 nursing workers at a Rio de Janeiro public hospital. Data were collected in July 2009 by the technique of semi-structured interview, and analyzed by thematic content analysis, after approval by the Research Ethics Committee (No. 2355/2009). **Results:** it was shown that the practice of adapting/improvising is dialectical, and involves feelings of pain and pleasure: while ensuring care, it also places patients' and workers' safety at risk. **Conclusion:** adapting/improvising materials has the potential to emerge relevant creations with patents opportunities for the profession.

Keywords: Occupational health nursing; working conditions; material resources in health; occupational health.

RESUMEN

Objetivo: identificar el punto de vista de los profesionales de enfermería sobre la adaptación y la improvisación de los materiales de trabajo en el hospital y analizar las ventajas y desventajas de esta práctica para el trabajo en salud y enfermería. **Método:** investigación de enfoque cualitativo, descriptivo, realizada junto a 20 trabajadores de enfermería de un hospital público de Río de Janeiro. La entrevista semiestructurada fue utilizada como técnica de recolección de datos, en julio de 2009. Los datos fueron analizados mediante análisis de contenido temático, tras aprobación del Comité de Ética en Investigación número 2355/2009. **Resultados:** fue evidente que la práctica de la adaptación / improvisación es dialéctica, con sentimientos de sufrimiento y placer. Porque, al tiempo que garantiza la atención, también pone en riesgo la seguridad de los pacientes y trabajadores. **Conclusión:** las adaptaciones / improvisaciones de materiales tienen potencial para hacer surgir creaciones pertinentes y oportunidades de patentes para la profesión.

Palabras clave: Enfermería del trabajo; condiciones de trabajo; recursos materiales em salud; salud laboral.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto a percepção dos trabalhadores de enfermagem sobre a prática de adaptar e improvisar materiais no trabalho hospitalar. O desejo de investigar tal objeto emergiu da vivência como docentes de enfermagem em uma universidade pública do Rio de Janeiro, onde se observou um contexto de crescente precariedade

das condições de trabalho, que impeliam os trabalhadores a constantes improvisações e adaptações de materiais.

O trabalho nos hospitais públicos vem sendo marcado por esta intensa insuficiência de insumos hospitalares. Esta insólita situação passa por injunções políticas, econômicas, todas fortemente vinculadas ao

^IEnfermeira. Mestre em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: luanauffenf@hotmail.com

^{II}Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Faculdade de Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: norval_souza@yahoo.com.br

^{III}Enfermeiro. Mestre em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: gleydy_fran@hotmail.com

^{IV}Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: debuerj@yahoo.com.br

^VEnfermeira. Doutoranda em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: liana_vian@hotmail.com

^{VI}Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem e Professora Assistente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: arianepires@oi.com.br

modelo neoliberal¹. Em meio a este contexto de precarização das condições de trabalho, os profissionais de enfermagem vêem-se diante de situações complexas em que o cliente necessita de cuidados e o aparato material e humano de que dispõem nem sempre é necessário à efetivação destes cuidados. Assim, lançam mão de artimanhas e rearranjos da tarefa em prol da garantia do cuidado. As adaptações e improvisações de material e, muitas vezes, de pessoal são frequentes artifícios para dar conta desta problemática².

Entende-se por adaptar, adequar, tornar-se mais apto a fazer algo e apto a sobreviver no ambiente em que vive. E improvisar é fazer, preparar ou inventar às pressas, sem plano ou organização prévia³.

O improviso no trabalho hospitalar surge de uma necessidade de cuidado urgente, em que as capacidades criadoras dos trabalhadores são mobilizadas com rapidez para uma imediata resolução de problemas práticos. Desta urgência, surgem novos modos operatórios e instrumentais, que, se comprovada sua eficácia no meio profissional, são perpetuados e consagrados em adaptações, as quais virão a ser utilizadas em circunstâncias semelhantes à de sua criação e propagadas como soluções eficientes. Depreende-se, assim, que uma adaptação surge de um improviso, porém nem todo improviso se consagra como adaptação^{2,4}.

No entanto, não é sempre que as adaptações e as improvisações se caracterizam como criações viáveis à execução do trabalho, considerando, por exemplo, o custo econômico, o respeito aos princípios científicos da profissão e as razões pelas quais são criadas. Assim, ter que adaptar e improvisar por conta de uma organização do trabalho que não provê meios adequados para execução das atividades laborais, e ter que fazer esta prática na urgência e frequentemente, pode ser ruim para a segurança do paciente, para a saúde dos trabalhadores e para a qualidade da assistência.

Por meio deste estudo busca-se contribuir para o enriquecimento dos debates acerca da saúde do trabalhador de enfermagem, sob a ótica da subjetividade. Ademais, considera-se que se pode colaborar com o aumento das pesquisas sobre as adaptações e improvisações realizadas pelos trabalhadores de enfermagem no cenário hospitalar, numa perspectiva da criatividade dos profissionais e do envolvimento da equipe de enfermagem com a garantia do cuidado prestado. Para tal, este estudo apresenta como objetivos: identificar o ponto de vista dos profissionais de enfermagem sobre a adaptação e improvisação de materiais no trabalho hospitalar e analisar as vantagens e desvantagens desta prática para o trabalho em saúde e enfermagem.

REVISÃO DE LITERATURA

O estudo baseia-se nas concepções da psicodinâmica do trabalho, que estuda, entre outras questões, as contradições que permeiam o mundo do trabalho, com especial enfoque para o prazer e o sofrimento, decorren-

tes da vivência do trabalhador na organização laboral.

A psicodinâmica do trabalho surgiu no final da década de 70, divulgada pelo médico francês Christophe Dejours, psiquiatra e assistente de Medicina do Trabalho da Faculdade de Medicina de Paris. Centraliza-se na análise da relação entre saúde mental e trabalho, afirmando que o trabalho nunca é neutro em relação à saúde dos trabalhadores. Seus estudos originaram-se do envolvimento de Dejours com a psicopatologia do trabalho. Porém as concepções da psicodinâmica do trabalho foram além da proposta psicopatológica de identificação de doenças mentais específicas, relacionadas à profissão e às situações laborais; preocupa-se com a gênese do sofrimento e sua dinâmica de transformação, que o trabalhador constrói para sentir prazer no trabalho⁵.

Estudando as diferentes respostas dos trabalhadores à organização do trabalho, Dejours e colaboradores vêm desenvolvendo um corpo teórico que se aprofunda no estudo das estratégias coletivas de defesa, que são táticas engendradas pelos trabalhadores, amiúde inconscientes, que visam a conter, minimizar ou anestesiar o sofrimento advindo das situações laborais⁶. Ressalta-se que, no mundo do trabalho, o homem busca aquilo que ele pretende alcançar. Quando o trabalho é capaz de favorecer o alcance dos seus objetivos, ele desempenha um papel importante na realização pessoal. Porém, quando o trabalho cria obstáculos à geração do sofrimento e à sua transformação direcionada para a conquista do prazer, então, ele pode ser considerado nocivo à saúde⁷.

As adaptações e improvisações no ambiente hospitalar surgem num cenário de choque entre as condições de trabalho reais e o trabalho prescrito, cuja organização laboral deveria garantir os meios para execução das atividades. Esse conflito entre o prescrito e o real, gera reações subjetivas no coletivo profissional, que pode repercutir em prazer ou sofrimento, em saúde ou em doença.

Assim, as condições adversas de trabalho podem gerar diferentes respostas, por parte dos trabalhadores que vivenciam tal fenômeno, podendo ir desde a inércia à alienação e ao adoecimento ou, de outro modo, ao desenvolvimento de capacidades criativas, inventivas e de resistência, a partir da utilização de diferentes táticas de enfrentamento das dificuldades do mundo do trabalho. Dessa maneira, o choque entre a organização do trabalho prescrito e a organização do trabalho real pode ser tanto benéfico quanto maléfico à saúde do trabalhador⁵.

Cabe ressaltar que, se por um lado, a capacidade adaptativa dos trabalhadores de enfermagem, diante da escassez e inadequação de recursos, particularmente no ambiente hospitalar, favorece o aprendizado, a criatividade, a inventividade, e até enriquece as vivências profissionais, por outro lado, ela pode configurar-se em ações perigosas, que colocam em risco a saúde dos trabalhadores, atuando em sinergismo com a natureza da enfermagem, a qual é reconhecida como uma profissão, muitas vezes, insalubre e perigosa².

METODOLOGIA

Pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, realizada em um hospital público fluminense, universitário. Foram selecionados os seguintes setores para a coleta de dados: uma unidade de terapia intensiva (UTI) especializada em cirurgia cardíaca e quatro unidades de enfermaria cirúrgica (cirurgia geral, cirurgia torácica, neurocirurgia e cirurgia vascular).

A escolha dos cenários justifica-se por serem setores com peculiar característica de prestação de cuidados a clientes críticos e em fase de pós-operatório, sendo necessário um maior número de procedimentos, o que confere à equipe de enfermagem, trabalho intenso e ininterrupto, materializando a realização cotidiana de adaptações/improvisações devido à alta demanda de recursos materiais.

Os participantes foram 20 trabalhadores das equipes de enfermagem: 11 enfermeiros, três auxiliares de enfermagem e seis técnicos de enfermagem. Destaca-se que 11 participantes trabalhavam na UTI cardíaca, quatro nas enfermarias de cirurgia geral, dois nas enfermarias de cirurgia vascular, dois na neurocirurgia e um na de cirurgia torácica. Os critérios de inclusão dos sujeitos foram: o desejo e a disponibilidade de participação no estudo e um tempo mínimo de atuação profissional de seis meses, nas referidas unidades.

A coleta de dados ocorreu no mês de julho de 2009, nos períodos da manhã e da tarde, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada. A técnica de tratamento dos dados foi a análise temática de conteúdo, processo através do qual o material empírico é cuidadosamente transformado, de forma sistemática, e codificado em unidades que permitem uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo dos discursos analisados⁸, emergindo a seguinte categoria: face positiva e face negativa do adaptar/improvisar

Esta pesquisa obedeceu às exigências éticas para pesquisas envolvendo seres humanos. Desse modo, o projeto foi aprovado pelo comitê de ética do referido hospital com protocolo sob nº 2355/2009. O anonimato dos sujeitos deu-se pela codificação de cada trabalhador de enfermagem que participou da pesquisa. Dessa forma, as entrevistas, à medida que foram transcritas, receberam códigos para denominá-los com a letra T, referentes ao termo trabalhador e ao número sequencial de realização das entrevistas, que compreendem os algarismos de 1 a 20, além da identificação da categoria de enfermagem (primeira letra) a qual pertenciam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Face positiva e face negativa do adaptar/improvisar

Os resultados revelados permitem a discussão das contradições que envolvem o fenômeno de adaptar e improvisar, isto é, a face do prazer e do sofrimento, da satisfação e da insatisfação, da utilidade e da inutilidade,

enfim o caráter dialético que emergiu da análise dos depoimentos dos participantes.

Evidenciando o caráter dialético do fenômeno, buscou-se respaldo teórico em alguns pressupostos do materialismo dialético. Porém, destaca-se que a própria psicodinâmica do trabalho, adotada como referencial teórico do presente estudo, apoia-se na análise dialética do sofrimento e do prazer advindos do trabalho e na transformação de um em direção a outro⁵.

Contradições entre o bem e o mal, o prazer e o sofrimento, a satisfação e a insatisfação permearam a percepção dos participantes e revelam um dinamismo de valores, sentimentos e emoções a respeito da vivência do adaptar/improvisar no trabalho de enfermagem. Essas contradições, porém, não se anulam, convivem uma ao lado da outra, numa típica união de contrários em busca da totalidade. São os diferentes e opostos lados de uma mesma moeda, a cara e a coroa, que, unidas e indissociáveis, constituem a moeda. E essa situação articula-se com a lei de unidade e luta de contrários da dialética⁹.

Sendo assim, há de se destacar inicialmente um aspecto negativo em relação à prática do adaptar/improvisar referente ao desrespeito aos princípios científicos da enfermagem, situação evidenciada na fala apresentada a seguir.

A improvisação na assistência é muito ruim, porque você acaba infringindo a técnica e, ao mesmo tempo, causa estresse ao profissional porque ele quer trabalhar de forma correta, de acordo com a técnica. (T2- E)

O participante enumera as repercussões das adaptações/improvisações na saúde, evidenciando um caráter dual e contraditório. Além disso, explicitam criticamente esses efeitos em suas dimensões físicas e psicossociais.

Apesar do caráter negativo do adaptar/improvisar, no que concerne ao desrespeito à técnica e no seu subsequente esquecimento, decorrente da grande frequência com que se desenvolve essa prática, os participantes também destacam uma faceta positiva, quando afirmam ser possível desenvolver a criatividade, a capacidade adaptativa e até mesmo a criação de novos instrumentos de trabalho, que acabam por valorizar e dar visibilidade à profissão.

Acho que ajuda na nossa criatividade, pois muitas coisas são importantes, porque não trazem nenhum malefício, tanto para o paciente quanto para o trabalhador. Sabemos que existem alguns projetos, algumas coisas, até de materiais que foram patenteados por enfermeiros. (T7- E)

Fica evidente a dialética a respeito do fenômeno investigado, em que, da necessidade, nasce a criação. E se essa criação for consagrada entre os profissionais da área, a satisfação do trabalhador-criador é contemplada, e resgata-se o valor social do trabalho, que poderia estar perdido, em meio às adversidades dos contextos laborais, por vezes tão sofridos e espoliantes⁵.

Evidenciou-se que as adaptações e improvisações fomentam a criatividade do trabalhador e, em algumas

situações, favorecem o processo de trabalho da enfermagem, porém, da minuciosa análise dos resultados apreendeu-se outra situação dialética. Apesar do potencial criador das adaptações/improvisações e toda vantagem de facilitação da dinâmica do trabalho, permitindo a resolução rápida de problemas de assistência, elas também consomem o tempo dos trabalhadores que as engendram.

[...] no momento de finalizar essa tarefa, o trabalhador se depara com essa barreira, que é a falta de material adequado, dessa forma ele tem que interromper o seu trabalho e correr atrás desse material, correr atrás dessa adaptação, para executar a tarefa. Isso acarreta atraso. (T16- E)

Fica evidente que o ritmo laboral das enfermeiras torna-se intenso à medida que precisam lidar com as situações de carência quantitativa de membros da equipe e de materiais, equipamentos e instrumentais de trabalho, levando à perda de tempo que, muitas vezes, já é escasso, procurando recursos em outras unidades, ou assumindo o trabalho daquele que ficou ausente na equipe¹⁰.

Os participantes consideram que a necessidade de adaptar/improvisar contribui para o aumento do ritmo de trabalho e também para o aumento do esforço físico, pois necessitam fazer uma peregrinação entre os setores para a busca de materiais, aliado ao esforço físico que já é inerente ao trabalho da enfermagem, principalmente quando se cuidam de clientes acamados. Alertam, assim, para o perigo da exposição aos riscos ergonômicos, além do reconhecimento da exposição a outros tipos de risco na prática de adaptar/improvisar.

Então, você pode ocasionar alguns riscos, aumentando a sobrecarga de trabalho da equipe de enfermagem. Como aquela grade que não abaixa mais, porque você amarra com uma atadura, então você vai fazer um esforço maior. (T5- E)

Autores caracterizam o trabalho de enfermagem, descrevem que a atividade requer múltiplos movimentos de cargas que podem culminar em lesões osteomusculares e nos tendões, devido a sobrecarga e/ou má utilização dessas estruturas. Os profissionais de enfermagem executam suas atividades, em sua maioria, em pé e com a coluna curvada, até para realizarem os registros. E essa condição é desconfortável e provoca fadiga^{11,12}.

Aliadas a essas difíceis condições, infere-se que o quantitativo insuficiente de trabalhadores, a exiguidade dos espaços físicos, as condições ergonômicas deficientes, as improvisações e equipamentos inadequados levam ao condicionamento de posições e posturas incorretas, contribuindo para a fadiga e elevada ocorrência de dores difusas em parte do corpo desses profissionais¹¹.

Além disso, ressaltam-se as implicações negativas das adaptações/improvisações, no corpo físico dos trabalhadores, que tanto podem culminar na instalação de novas patologias quanto agravar as já instaladas, seja por atividades laborais anteriores, ou por outras causas.

Muitos colegas, por tentarem se adaptar, fazem um esforço sobremaneira. O corpo não está preparado para aquilo e sofrem com isso [...], foram para outros setores por não conseguirem seguir aquele ritmo de improvisos, às vezes, até por doenças que já tinham, e por essas adaptações eles foram prejudicados. (T18-TE).

Nessa perspectiva, os trabalhadores de enfermagem são prejudicados pelas adaptações/improvisações, a instituição e o restante da equipe, simultaneamente, também sofrem prejuízos frente ao possível absenteísmo dos trabalhadores afetados por doenças diversas.

[...] aquilo gera uma angústia nele, e ele acaba perdendo um pouco da energia dele, da força dele de trabalho. Então a gente perde um funcionário, que daqui a pouco vai adoecer e a gente vai sentir, vai ter menos um (T14-E).

Assim, essa situação gera um ciclo vicioso, pois a prática abusiva e deteriorante das adaptações/improvisações contribui para reduzir ainda mais os recursos humanos, intensificando a espoliação daqueles trabalhadores que resistem à labuta nessas condições que, muito provavelmente, também sentiram reflexos negativos na saúde engrossando as estatísticas do absenteísmo. Por conseguinte, o número insuficiente de recursos humanos repercute na qualidade do cuidado prestado, uma vez que os trabalhadores que resistem a tal situação estão sobrecarregados, apresentando diminuição de suas capacidades físicas, cognitivas e psicológicas para dar conta da tarefa^{4,11}.

As implicações negativas na saúde mental do trabalhador de enfermagem também foram aludidas. Imbuídos do forte compromisso com o cuidado, esses trabalhadores revelavam-se desgastados, experimentando sentimentos como raiva, angústia, ansiedade, desmotivação e estresse, quando eram obstaculizados pelos problemas referentes às más condições de trabalho, que os impulsionam a adaptar/improvisar.

Prejuízo maior para o profissional de enfermagem está na questão do estresse. E o estresse, a gente sabe que vai repercutir nas outras doenças. Hipertensão, doenças cardiovasculares, gastrites, insônias e por aí a fora. (T11-E).

Outra situação dialética que emergiu das falas dos participantes, nas quais se captou que se as adaptações e improvisações fossem bem elaboradas, poderiam trazer bem-estar e melhora para a saúde dos clientes, no entanto, ao exporem sobre tais dispositivos, fica claro o seu caráter, muitas vezes, iatrogênico. A questão que precisa ser refletida é que o potencial criativo dos trabalhadores de enfermagem existe, o compromisso com o cuidado é fato, porém estas adaptações e improvisações emergem em um contexto crônico de precarização, impedindo o trabalhador de fazer ajustes cotidianamente no seu processo de trabalho, o qual inclui também os instrumentos de trabalho, repercutindo em desgaste, embotamento da capacidade de avaliação e até mesmo, em alienação.

O risco maior é o perigo de ter problema na saúde do paciente. Então, essas adaptações, se não bem feitas, podem causar algum dano para o paciente. Como, por

exemplo, algumas adaptações com relação a cateteres venosos, se não forem bem feitas, podem causar um dano muito grave ao paciente, com relação à infecção. (T9-AE).

Alerta-se para a necessidade da enfermagem, nesse contexto de dualidade entre o não ter e o fazer, aliar a cientificidade à ética, à sensibilidade, ao conhecimento e à intuição, ao lançar mão de artifícios que possam realmente colaborar na prestação de cuidados, atendendo às demandas do cliente de conforto, segurança e bem-estar¹³.

Apesar de a prática das adaptações e improvisações garantir que a assistência seja prestada quando da falta de alguns materiais, elas, dialeticamente, conduzem a gastos excessivos de inúmeros materiais, necessários para a realização de ajustes, revelando um desperdício irracional que pode culminar numa intensificação da carência dos recursos materiais¹⁴. Além disso, quando mal elaboradas, podem desqualificar a assistência prestada, como também podem ser tão prejudiciais para a saúde dos trabalhadores de enfermagem que acabam repercutindo na qualidade da assistência oferecida, haja vista a possibilidade de desmotivação, de falta de identificação e empenho com o trabalho a ser executado.

Você trabalha sem luva de procedimento, usando luva estéril que é um custo maior para o hospital. Trabalhamos [...], improvisando com a máscara do nebulizador, prendendo com a máscara cirúrgica. Quando precisamos da máscara cirúrgica, não temos, porque usamos para prender o nebulizador. (T11- AE).

Neste sentido, uma importante questão administrativa pode ser apreendida dessa problemática, em que a previsão e provisão dos recursos materiais se fazem imprescindíveis e repercutem na qualidade da assistência e no bom desempenho do trabalhador de enfermagem. Esse trabalhador pode até ser considerado como um artista, que faz de seu compromisso de cuidar, uma arte, mediante as adversidades do meio. Mas, a lógica organizacional não transforma a difícil realidade do contexto laboral numa mágica, na qual os problemas desaparecem, inexplicavelmente, num instante. Um bom trabalho administrativo requer conhecimento prático e teórico¹⁵.

O enfermeiro deve executar as funções de administração de materiais com o objetivo de melhorar a assistência ao paciente e as condições de trabalho do pessoal de enfermagem e demais trabalhadores, e não com a finalidade de se tornarem atividades burocráticas, com o objetivo único de preservar os interesses financeiros da instituição. Deve-se atentar para a qualidade do material e a quantidade satisfatória, objetivando minimizar o risco para o paciente e a descontinuidade da assistência¹⁵.

CONCLUSÃO

Conclui-se que as percepções dos trabalhadores de enfermagem sobre as implicações da prática do adaptar/improvisar na sua saúde revelam um retrato da dialética do mundo do trabalho, no qual o trabalhador

reage à prática cotidiana com respostas de sofrimento e prazer; satisfação e insatisfação; motivação e desmotivação, conscientização e alienação; cuidado e descuidado para com o outro e consigo mesmo. Essas respostas, por sua vez, constituem binômios, faces opostas, que se unem formando uma mesma realidade, sobre a qual ainda há muito a compreender e, por isso, a pesquisa constitui-se numa estratégia fundamental para revelar as múltiplas facetas dessa realidade.

Dialeticamente, ao passo que facilitam o processo de trabalho, as adaptações/improvisações, estimulam a criatividade, provocam a espoliação dos trabalhadores, visto que a busca incessante de recursos materiais para a realização das adaptações/improvisações e o desgaste mental e físico para a elaboração dessas criações, de forma cotidiana e frequente, geram no trabalhador repercussões negativas para seu processo saúde-doença. Assim, tanto a capacidade cognitiva quanto a capacidade física dos trabalhadores são exploradas, espoliadas e, por vezes, até exauridas.

Deve-se considerar, contudo, a face positiva e prazerosa da prática do adaptar/improvisar, já que os trabalhadores de enfermagem revelaram-se artistas e guerreiros, comprometidos com o cuidar. Criadores e (re)criadores de diversos modos de cuidar ganham liberdade e espaço para pôr em prática as suas capacidades artísticas, criativas e inventivas, que, muitas vezes, podem culminar na consagração de novas tecnologias que enaltecem socialmente a identidade da profissão, além de contribuírem para o aprimoramento das técnicas de cuidar e para o surgimento de patentes da enfermagem.

Contrapondo esta face positiva, a normalização e a frequência abusiva das circunstâncias que exigem a materialização das adaptações/improvisações tornam o ato, antes prazeroso, em obrigação, castrando a liberdade de ação do sujeito-trabalhador, fazendo-o sofrer, tanto física quanto psicologicamente.

Entre as limitações da pesquisa pode-se ressaltar o fato de ter sido realizada em apenas um cenário público de assistência à saúde, o que impede a generalização dos seus achados.

REFERÊNCIAS

1. Cattani, AD, Holzmann L, organizadores. Dicionário de trabalho e tecnologia. 2ª ed. rev. ampl, Porto Alegre (RS): Zouk; 2011.
2. Souza NVDO, Santos DM, Anunciação CT, Thiengo PCS. O trabalho da enfermagem e a criatividade: adaptações e improvisações hospitalares. Rev enferm UERJ. 2009; 17(3):356-61.
3. Holanda AB. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2010.
4. Souza NVDO, Santos DM, Ramos EL, Anunciação CT, Thiengo PCS, Fernandes MC. Repercussões psicofísicas na saúde dos enfermeiros da adaptação e improvisação de materiais hospitalares. Esc Anna Nery [online]. 2010 [citado em 22 set 2016]; 14(2):236-43. Disponível em: http://www.revistaenfermagem.eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=532
5. Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer,

sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas; 2011.

6. Campos JF, David HMSL, Souza NVDO. Prazer e sofrimento: avaliação de enfermeiros intensivistas à luz da psicodinâmica do trabalho. *Esc Anna Nery* [online]. 2014 [citado em 02 ago 2016]; 18(1):90-5. Disponível em: http://www.revistaenfermagem.eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=1003
7. Ferreira RES, Souza NVDO, Gonçalves FGA, Santos DM, Pôças CRMR. O trabalho de enfermagem Com clientes HIV/AIDS: potencialidade para o sofrimento psíquico. *Rev enferm UERJ*. 2013; 21(4):477-82.
8. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa (PT): Edições 70; 2012.
9. Haguette TMF, organizadora. *Dialética hoje*. Rio de Janeiro: Vozes; 1990.
10. Gonçalves FGA, Leite GFP, Souza NVDO, Santos DM. The neoliberal model and its implications for work and the worker of nursing. *J Nurs UFPE on line* [Internet]. 2013; [cited 2016 Feb 22]; 7(11):6352-9. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3026/pdf_3862
11. Gonçalves FGA, Souza NVDO, Pires AS, Santos DM, D'Oliveira CAFB, Ribeiro LV. Modelo neoliberal e suas implicações para a

saúde do trabalhador de enfermagem. *Rev enferm UERJ* [Internet]. 2014; [citado em 22 fev 2016]; 22(4):519-25. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v22n4/v22n4a14.pdf>

12. Mauro MYC, Paz AF, Mauro CCC, Pinheiro MAS, Silva VG. Condições de trabalho da enfermagem nas enfermarias de um hospital universitário. *Esc Anna Nery*. 2010; 14(2):244-52. Disponível em: http://www.revistaenfermagem.eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=533
13. Olário, PS. A fixação do tubo oro-traqueal: uma questão no cuidado de enfermagem [dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2004.
14. Gonçalves FGA, Leite GFP, Nascimento SMP. O Modelo Neoliberal e suas repercussões no trabalho de enfermagem [trabalho de conclusão de curso]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2011.
15. Garcia SD, Haddad MCL, Dellarosa MSG, Costa DB, Miranda JM. Gestão de material médico-hospitalar e o processo de trabalho de um hospital público. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2012; [citado em 22 fev 2016]; 65(2):339-46. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a21.pdf>